

O QUE É SER NEGRO NO BRASIL? – Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro

Silvia Karla B. M. M. dos Santos
Graduanda em Pedagogia - UFPB
skmartins@hotmail.com

Introdução

Quem são os negros no Brasil? O que é ser negro? O que é identidade? Essas questões fazem parte das discussões sobre relações raciais no nosso país, onde a discriminação dos afrodescendentes está presente e o conceito de miscigenação promove alguns debates, no que se refere a ser mais uma forma de reafirmar o mito da democracia racial, uma corrente ideológica que denota a crença de que no Brasil não há discriminação racial entre negros e brancos, como existe em outros países.

Assim, tomando como referência, alguns autores que tratam da temática das relações étnicas, além de uma breve pesquisa realizada em uma escola municipal da cidade de João Pessoa – PB, com o objetivo de compreender como um grupo de adolescentes se reconhece no contexto étnico/racial, apresentaremos uma reflexão acerca da construção da identidade (negra e não negra) no Brasil.

Entendendo a identidade como um processo de construção dialética e social, e considerando que buscamos sempre ser aceitos, não querendo ser excluídos por sermos diferentes, trazemos alguns conceitos sobre o processo de construção da identidade da população negra através da autoafirmação, além de uma abordagem geral sobre história, diferenças e padrões instituídos na sociedade.

Falaremos também sobre o processo de “autoafirmação” como ressignificação da identidade em nossa sociedade mestiça. Considerando que esse processo requer ainda muitas reflexões, pois, para Ferreira (2000) é muito comum a pessoa, principalmente no caso do mestiço, com características “negroides” leves e com posição social elevada, ser considerado branco.

Porém, em sua totalidade, não é objetivo deste trabalho, colocar-se a favor do “embranquecimento” da população brasileira, mas articular de um modo geral, uma discussão na qual a identidade negra possa (re) afirmada através do contato e da mistura das raças.

Identidade, Diferença e Identidade Negra

O conceito de identidade não pode ser entendido a partir de uma única definição, pois sua construção está associada ao meio em que o indivíduo está inserido, podendo basear-se em fatores culturais, econômicos, étnicos, políticos e geográficos.

Munanga (1994), ao falar sobre identidade destaca:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178)

Novaes (1993) *apud* Gomes (2005) nos diz que ao analisar a identidade, a mesma só pode ser usada no plano do discurso e aparece como um recurso para a criação de um *nós* coletivo – *nós* professores, *nós* mulheres, *nós* homossexuais, *nós* índios, *nós* negros – esse *nós* se refere a uma identidade, no sentido de uma igualdade, pois os indivíduos agrupam-se a partir de elementos comuns e que os identificam com seus grupos, já que nenhuma identidade é construída no isolamento, mas a partir das nossas relações, da cultura que possuímos, da história que carregamos e dos lugares sociais e políticos que ocupamos, sendo assim formada ao longo de toda a vida.

Deste modo, o conceito de identidade pode ser entendido como um conjunto de aspectos individuais, que caracterizam uma pessoa, mas também um aspecto plural, constituído a partir das relações sociais que são permanentemente mutáveis como destaca Gomes (2005):

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas

linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p. 41)

Assim, entendemos que a identidade deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade, pressupondo uma interação, pois mesmo que o sujeito reconheça-se inserido em determinado grupo, é necessário uma resposta social a essa inserção.

Porém, ao falar em identidade, não podemos deixar de falar também em diferença, já que algumas relações estabelecidas entre o eu e outro são conflituosas e, apesar de se falar cada vez mais sobre igualdade, na sociedade atual ainda se estabelece como modelo ideal, o homem branco, cristão, heterossexual, ocidental... Sendo então a este modelo, que deveríamos assemelhar-se. Entretanto reconhecer que somos diferentes para estabelecer a existência de uma diversidade cultural no Brasil, não é suficiente para combater os estereótipos e os estigmas que ainda marginalizam milhares de pessoas em nossa sociedade, como afirma Candau (2005):

Não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõe à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice. (CANDAUI, 2005, p. 19).

É contra a “padronização”, que alguns grupos que “fogem” a esse modelo, se dedicam em conquistar posições sócio-políticas, que os levem a uma redefinição de suas relações com os demais segmentos presentes na sociedade. E esse processo pode ser evidenciado quando nos referimos a população negra.

Gomes (2005) destaca que, assim como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis. Pois a identidade negra é uma construção social, histórica e cultural, onde o sujeito se reconhece na conjunção do grupo étnico/racial a partir da sua história, cultura e relações estabelecidas com o outro.

Mas, para compreender o processo de construção da identidade negra no Brasil, é importante considerar não apenas sua dimensão subjetiva, mas, sobretudo o seu sentido político.

Contudo, vale destacar que apesar da significativa presença demográfica dos afro-descendentes no Brasil, é um grande desafio construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que vive no mito da democracia racial, negando a

desigualdade entre brancos e negros como fruto do racismo, e que em contra partida, desde cedo ensina aos indivíduos que, para serem aceitos é preciso afastarem-se das suas raízes, incorporando os valores eurocêtricos. Diante disso, não é de se admirar que muitas pessoas que trazem os “traços negros” neguem tais características. Como aponta Ferreira (2000):

(...) a identidade da pessoa negra, traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberto e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor. (FERREIRA, 2000, p. 41)

Então, como as difusões ideológicas das práticas racistas geram uma identidade de resistência, que tem como exemplo, as estratégias desenvolvidas para “escapar” das posições predeterminadas para o negro pelas formas de identidade legitimadora, difundidas pelas instituições e classes dominantes, surge uma forma de percepção que traz o discurso da mistura racial e cultural como ponto importante na construção da identidade brasileira.

Mestiçagem como processo de ressignificação da Identidade

O processo de construção da identidade étnico-racial na sociedade brasileira é bastante complexo, pois os discursos relacionados à mistura racial e cultural geram muitos paradigmas.

A mistura racial ou mestiçagem possui seu viés ideológico, quando se refere às particularidades da nação brasileira. Porém, tal ideologia pode proporcionar o afastamento com uma identidade racial desprivilegiada, como é o caso a identidade negra.

O que não se pode negar é que o Brasil é um país formado por diversas etnias, que se mostram tanto nas variações dos tons de pele, quanto na pluralidade cultural, como relata Oliveira (2004)

O Brasil é um país mestiço, biológica e culturalmente. A mestiçagem biológica é, inegavelmente, o resultado das trocas genéticas entre diferentes grupos populacionais catalogados

como raciais, que na vida social se revelam também nos hábitos e nos costumes (componentes culturais). (OLIVEIRA, 2004, p. 57)

Deste modo, os discursos da mistura podem ser interpretados de maneira positiva, para serem utilizados nos processos de auto-identificação. Pois, buscar entender a mistura de forma mais dinâmica, possibilita a construção de uma discussão, enfocando os paradigmas do racismo brasileiro.

Entretanto, mesmo considerando o preconceito e a discriminação contra a etnia afro-brasileira, como uma herança histórica de nossa sociedade, Ribeiro (1995), faz uma abordagem sobre a questão da etnia, defendendo a tese da miscigenação como fator importante da diversidade social e cultural que caracterizam nosso país, enquanto possuidor de uma particularidade única e complexa, que nos diferencia de qualquer sociedade desse planeta. Ele diz que “(...) surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais dela oriundos.” (RIBEIRO, 1995, p.19)

Porém, Munanga (2004), faz uma observação em relação à essa postura afirmando que:

A mestiçagem não pode ser concebida apenas como um fenômeno estritamente biológico, isto é, um fluxo de genes entre populações originalmente diferentes. (...) A noção de mestiçagem, cujo uso é ao mesmo tempo científico e popular, está saturada de ideologia. Por isso, seria importante, antes de qualquer análise, deixar claras as devidas conotações. (MUNANGA, 2004, p.18)

A respeito das relações históricas que traçaram as relações raciais a partir de conceitos de superioridade e inferioridade biológica, Munanga (1988) ressalta que as mesmas,

Visa alienar e inferiorizar os negros em todos os planos. Nesse processo, fez-se um paralelismo forçado entre o cultural e o biológico. Pelas diferenças biológicas entre povos negros e brancos, tentou-se explicar as culturas e concluir-se por uma diminuição intelectual e moral dos primeiros. (MUNANGA, 1988, p. 5-6)

Munanga (2004) pensa que o conceito de mestiço pode ser politicamente desarticulador, a partir do momento que se apresenta como um obstáculo epistemológico para a construção de uma identidade solidária entre negros e mestiços, visto que ambos enfrentam a discriminação e o preconceito racial.

Algumas vozes nacionais buscam atualmente reunir todas as identidades, brancos, negros, indígenas em torno da unidade “mestiça” reunindo todos os brasileiros. Vejo nesta proposta uma nova sutileza ideológica para recuperar a idéia de unidade nacional não alcançada pelo fracasso do branqueamento físico. Essa proposta de uma nova identidade mestiça, única, vai na contramão dos movimentos negros e outras chamadas minorias. (MUNANGA, 2004, p. 16)

Porém, embora seja possível admitir que o argumento da miscigenação, possa reafirmar o mito da democracia racial, e esconder em sua essência a ideologia do branqueamento, é necessário que haja uma maior reflexão sobre o assunto, pois essa análise mostra-se um tanto limitada frente á realidade da formação do povo brasileiro, e ao pressuposto ideológico que afirma que somos todos iguais.

Assim, é nesse sentido que destacamos o pensamento de Ribeiro (1995)

O primeiro brasileiro consciente de si foi, talvez, o mameluco, esse brasilíndio mestiço na carne e no espírito, que não podendo identificar-se com os que foram seus ancestrais americanos - que ele desprezava -, nem com os europeus - que o desprezavam - e sendo objeto de mofa dos reinóis e dos luso-nativos, via-se condenado à pretensão de ser o que não era nem existia: o brasileiro (RIBEIRO, 1995, p.128).

Assim, entendemos que, na complexa estrutura social em que vivemos, onde existe um mundo particularidades, não podemos deixar de admitir a presença da diversidade social e cultural entre os indivíduos, de modo a haver uma mistura que mesmo estando relacionada a uma identidade específica, também vão sendo caracterizadas por esse processo de miscigenação, como aponta Ribeiro (1995)

(...) Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles negros e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós,

sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Como descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da maldade destilada e instilada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria. (RIBEIRO, 1995, p. 120)

É importante destacar, que a abordagem da miscigenação como elemento relevante para se pensar o significado de “raças” no Brasil realizada neste artigo, não possui nenhuma pretensão de colocar as relações raciais brasileiras de um modo mais agradável. O racismo brasileiro é tão violento e presente, como qualquer outro princípio que fere as relações sociais.

O que tentamos ressaltar foi à problemática da mistura racial e cultural na sociedade brasileira, pois o sujeito deve ter o direito de não identificar-se com nenhuma matriz étnica existente, sendo levado a construir seu processo identitário a partir de elementos ou traços culturais que ressignifiquem essas matrizes étnicas, mas construindo outra identidade: a de brasileiro mestiço, sem que com isso, caiamos na armadilha ideológica do branqueamento e/ou do mito da democracia racial (já devidamente denunciada nesse trabalho), nem muito menos na presunção de que é ruim ser negro, pois, ao compreender o processo de mistura de raças, na formação do povo brasileiro, compreendemos também que fazemos parte de um mesmo grupo.

Assim, no contexto da mestiçagem, ser negro possui vários significados, e a formação de uma “identidade negra” resulta na compreensão da lógica das relações raciais brasileiras, que têm em sua origem a ancestralidade africana (afrodescendentes), porém, ciente da existência da mistura étnica, e com a conscientização de ser negro é antes de tudo uma posição política.

“Querer Ser” como (Re) Construção da Identidade Negra

A história oficial do Brasil reservou ao negro um espaço que começa e termina na escravidão e sobre a civilização negro-africana espalhou-se uma nuvem de preconceito, exotismo e esquecimento, que é reproduzida até hoje quando ainda apontam-se as culturas africanas e indígenas como primitivas.

Assim, afirmar a identidade negra faz parte de um processo de ruptura com os estigmas históricos dessa população que foi inferiorizada e subjugada diante de um ideal estético-cultural eurocêntrico, desde o Brasil colonial.

No entanto, o processo de construção das identidades pessoais, social e étnico-racial é algo bem dinâmico, pois se faz no processo histórico. E caso da sociedade brasileira torna-se bastante confusa, devido a mistura das raças. Desta forma, é com razão que o antropólogo Kabegle Munanga (2009) declara que: “Não é fácil definir quem é negro no país”, pois em um país que se estruturou com a miscigenação étnico-cultural e desenvolveu o desejo de branqueamento para evitar a ascensão da população negra, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Munanga afirma ainda, que “os conceitos de negro e de branco têm um fundamento étnico-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. [...] Trata-se de uma decisão política” (Munanga, 2004, p. 52). E por se tratar de um posicionamento político, identificar-se com determinado grupo étnico-racial, pressupõe aceitar as características atribuídas a ele, assim como compartilhar dessas características na sociedade.

Para fins de estudos demográficos, no Brasil, a atual classificação racial do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é a que é adotada como oficial desde 1991. Esta classificação tem como diretriz, essencialmente, o fato da coleta de dados basear-se na autodeclaração, ou seja, a pessoa escolhe, entre cinco itens (branco, preto, pardo, amarelo e indígena) qual deles se considera, então para a classificação a população negra, faz-se o somatório de quem se autodeclara preto e pardo. Assim, mesmo que o entrevistador o identifique em determinado grupo, cabe ao entrevistado a sua classificação. Desta forma, é possível reafirmar que ser negro no Brasil é, antes de tudo, um reconhecimento social e político.

Mas declarar-se negro é menos comum do que se espera, uma vez que a identidade negra é aqui entendida, trata-se de um processo a ser construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo disfarçado, e assim destaca Souza (1990) *apud* Gomes (2002):

(...) ser negro no Brasil é tornar-se negro. Assim, para entender o “tornar-se negro” num clima de discriminação é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico. Refiro-me aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem. (SOUZA 1990, p.77) *apud* (GOMES, 2002, p. 3)

Partindo do pressuposto de que a identidade é um processo de construção social, verificamos assim, que a identidade negra recebeu uma carga de interpretação social negativa, ressaltando o lugar de subalternidade deste grupo social. Porém, esta identidade precisa ser trabalhada de forma positiva, visto que a solidificação da idéia pejorativa e marginalizada, leva muitos afro-descendentes à autonegação.

Em uma pesquisa realizada com alunos entre 11 e 16 anos, de uma turma de 5º ano, com vinte e dois alunos, de uma escola municipal da cidade de João Pessoa – PB foram apresentadas quatro categorias para a identificação étnica (branco, negro, amarelo e indígena) e um espaço com a opção “outro”, para que os estudantes pudessem expor qualquer outra forma de identificação pessoal. O resultado foi interessante: apenas dois se declararam negros, seis se afirmaram brancos e catorze declararam-se “outro”, sendo que treze escreveram no espaço ao lado, o termo “moreno” e um identificou-se como “*pardado*”. Ao ser questionado sobre o termo, a resposta foi imediata: “*Professora, eu não sei como é o nome, mas eu não sou branco e também não quero ser negro, então eu acho que sou ‘pardado’, num é assim que se chama quem não é branco nem preto?*”

A partir desse contexto, podemos refletir como a formação que recebemos ao longo da vida é fundamental no processo da construção da identidade, seja ela negra ou não. É necessário (re) conhecermos a importância da contribuição africana na formação da nossa sociedade e o entender de que, independente das características fenotípicas, a população brasileira é produto da mistura das raças, principalmente os africanos que se apresentaram em grande número.

Portanto, acreditamos que a identidade negra é uma das configurações que a pessoa pode assumir em diferentes e/ou permanentes momentos de sua vida. E, que quando se assume negro, torna-se negro não só pela pele, mas pelo o que se “sofre na pele”, fortalecendo um pertencimento étnico-racial, e a partir deste fortalecimento, o indivíduo está mais propenso a contribuir consigo mesmo e com seu grupo. Sobre isso, Joaquim (2001) destaca:

Uma das manifestações de identidade social é a identidade étnica, que permite apreender a própria etnicidade e constitui a principal característica do grupo étnico. (...) O principal significado emocional de pertinência a um grupo étnico é um princípio organizador e mobilizador de interesse de grupos específicos, com isto podendo possuir uma conotação positiva. Grupos étnicos são grupos cujos membros possuem uma

identidade distinta e atribuída e, ao mesmo tempo, têm, basicamente, cultura, origem e história comuns (JOAQUIM, 2001, p. 52).

Portanto, podemos dizer que a identidade, seja ela eurobrasileira, ameríndia ou afro-brasileira, baseia-se na escolha política de cada sujeito social e histórico, principalmente, em um país extremamente miscigenado como o nosso.

Considerações finais

Compartilhamos ao longo do trabalho, definições e conceitos sobre identidade e mestiçagem, que nos possibilitam refletir sobre a construção da identidade negra, e compreender que esta construção parte de um posicionamento político e histórico-cultural e não de uma questão estética.

Além disso, ressaltamos também que a mestiçagem, em nossa opinião, não nega possibilidades, mas permite aos sujeitos a oportunidade de ampliarem seu “sentimento de pertença”, permitindo-os “transitar por entre as fronteiras”.

No entanto, compreendemos que abordar a questão da mestiçagem como uma possibilidade de construção identitária, é um assunto muito delicado, pois sabemos que nas relações etnicorraciais no Brasil, ainda persistem o “mito da democracia racial” como forma invisibilizar o processo de “aculturação”, embasado no preconceito e na desvalorização da cultura afrodescendente para a formação da sociedade brasileira.

Não obstante, consideramos fundamental uma educação voltada a desmistificar todo e qualquer estigma referente as raízes afrodescendentes, e ainda reafirmamos necessidade de um posicionamento político-social, com a finalidade de legitimar a importância da população negra para a formação da sociedade brasileira.

E assim, de ante do exposto, concluímos que ser negro é muito mais que características fenotípicas, “Ser Negro” envolve cultura, antepassados, envolve atitude, coragem e acima de tudo se reconhecer como negro e ter consciência e convicção de sua contribuição na construção da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Maria Vera. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In CANDAU, Maria Vera (org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-Descendente: Identidade em Construção**. Rio de Janeiro: Palas; São Paulo: EDUC, 2000

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado).

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**¹ Disponível em: <<http://www.ideario.org.br/neab/kule1/Textos%20kule1/nilma%20lino.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio Grande do Sul: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Munanga, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Revista Estudos Avançados, 2004. São Paulo, V. 18, no 50, p. 51-66.

MUNANGA, Kabengele. Um branco pode ser negro. Não é uma questão biológica, mas política In: **Desconfiando: Porque o mundo é maior do que imaginamos**. 2009.

Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

Disponível em:< <http://desconfiando.wordpress.com/2009/10/15/um-branco-pode-ser-negro-nao-e-uma-questao-biologica-mas-politica/>>. Acesso em: 07 nov. 2011.

OLIVEIRA, Fátima. **Ser negro no Brasil:** alcances e limites. Scielo. 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a06v1850.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.